

Brendom da Cunha Lussani¹

DOI: <https://doi.org/10.34019/1983-8379.2025.v18.49935>

O PRETINHO BÁSICO DOS FUNERAIS FAMILIARES

Ele a amava. Ela, por sua vez, o amava também. E isso seria o suficiente para que vivessem felizes para sempre e se amassem até que a morte os separasse e um deles vestisse o pretinho básico dos funerais familiares. Mas, às vezes, só o amor não é suficiente. Aliás, quase nunca é. O amor é bom para filmes de sessão da tarde, onde tudo termina em beijo debaixo da chuva, e não para dias cinzentos de segunda-feira, quando a privada entope e o cachorro vomita no tapete da sala.

Ela gostava de sexo selvagem. Ele sentia dores nas nádegas quando chegava ao orgasmo. Ela dizia que ele era rápido demais. Ele se queixava de que ela não gemia: “Parece que estou transando com uma morta!”. Ela respondia que, se fosse para fazer teatro, teria se inscrito no grupo de teatro da faculdade e não se casado com ele. Ela comprava o jornal. Ele lia o horóscopo. E ambos riam das piadas fúteis e sem graça da contracapa do caderno de variedades. Riam não porque achassem graça, mas porque era mais fácil rir do que admitir que não tinham mais nada em comum além da coleira do gato e a dívida do carro em 36 vezes no carnê.

Ela andava com seu velho skate no parque, sempre tentando provar para si mesma que ainda era jovem, mesmo depois de três quedas feias e um joelho que rangia mais do que a cama onde transavam. Ele corria com o gato que ganhara dela na Páscoa passada. Um gato preguiçoso, gordo e indiferente, que parecia ter mais consciência do fracasso do relacionamento do que eles próprios. Ele gostava de chocolate, mas sempre comprava picolé de creme. Ela era viciada em abacaxi e, por isso, comprava picolé de abacaxi. Enquanto ele mordia o picolé, ela chupava. Ele nunca chupava; ela, viciada, não abria mão: “maldita sensibilidade nos dentes!”, dizia, projetando os lábios por cima do picolé de abacate, já que o de abacaxi havia caído no chão — e era o último. Ele sempre dizia que ela chupava melhor o picolé do que o próprio casamento.

Ela queria ter trigêmeos. Ele achava um exagero e almejava apenas um filho perfeito. No Natal, ele lhe deu um cachorro de presente. Ela, em troca, comprou uma coleira nova para o gato dele, presente de Páscoa do ano anterior. Os presentes funcionavam como pequenas tréguas: declarações silenciosas de que, apesar dos amantes e das piadas forçadas, ainda existia algum pacto possível, mesmo que fosse só o pacto da conveniência.

¹ Doutor em Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), Brasil. E-mail: bcchlussani@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0154-8580>.

Enquanto ele preparava cookies com gotas de chocolate — receita de família —, ela o traía com a própria prima, na casa do sogro. Ele sempre a olhou como um pedaço de carne pendurada no açoque, esperando alguém de branco, faca em mãos, cortar e entregar a quem pagasse alguns centavos multiplicados por mil. Ela o via como um peru de Natal, com miúdos presos num saco plástico barato, temperado de forma tão horrível que lhe fazia franzir o nariz ao comer, entre fios de ovos na ceia. E, no fundo, nenhum dos dois estava totalmente errado: eles eram mesmo restos de carne malconservada tentando passar por banquete.

Mas o importante é que ele a amava. Ela, por sua vez, o amava também. E isso era suficiente para que ele passeasse com o gato de coleira nova, enquanto ela tentava se equilibrar no skate puxada pelo cachorro, o Totó. Era suficiente para que consumissem seus picolés: ela chupando, ele mordendo. Parece loucura, mas ela não gostava de chocolate e ainda assim comia os cookies com gotas de chocolate. E ele sabia da relação dela com a prima. Fingiam não saber de nada — porque o amor também exige uma boa dose de teatro barato.

Ele já não sentia dores nas nádegas quando chegava ao orgasmo, e ela simplesmente não gostava de gemer. Fingindo-se de morta, não tinha prazer com ele. “Que falta faz uma língua...”, pensava toda vez que ele a tocava. Ele, por outro lado, pensava que a falta que fazia era de um manual de instruções — ou de um amigo que lhe explicasse como se mantêm acesas as brasas de um casamento que já nasceu apagado.

Os dois odiavam as piadas fúteis e sem graça do jornal, sempre na contracapa do caderno de variedades. Mas riam, porque acreditavam que o outro gostava. Nunca tiveram coragem de dizer que não achavam graça alguma, com medo de magoar. Viviam uma vida inteira rindo de piadas que não entendiam, transando sem prazer, oferecendo presentes que não queriam, só para não levantar o véu da verdade: o de que o amor, sozinho, é uma casa sem telhado.

E, no fim do ano, vestiram-se ambos de preto para o funeral da prima linguaruda. Foram ao velório familiar. Ele, feliz. Ela, molhada. Ele, cantarolando mentalmente uma música qualquer dos Beatles. Ela, recordando-se das brincadeiras com a prima íntima. E, como num acordo silencioso, os dois sorriram ao mesmo tempo. Ninguém entendeu, mas também ninguém perguntou.

No final do funeral, ele continuava a amá-la. E ela, a amá-lo. E, às vezes, o amor é o suficiente. Outras vezes, o amor é só o bastante para segurar as pontas até que o caixão seja fechado.

Data de submissão: 24/08/2025

Data de aceite: 03/11/2025